

## Aspectos metodológicos do estudo da medicina antroposófica

### *Methodological aspects to the study of anthroposophic medicine*

Jochen Bockemühl<sup>1</sup>, Stefan Langhammer <sup>II</sup>

<sup>I</sup>Biólogo antroposófico  
Endereço para correspondência:  
Berner Strasse 21, CH-4143  
Dornach, Suíça  
Telefone/fax: +41 (0) 61 7013717

<sup>II</sup> Professor de ciências naturais  
Endereço para correspondência:  
Medizinische Sektion am  
Goetheanum  
Rütliweg 45, CH-4143 Dornach,  
Suíça  
Telefone: +41 (0) 61 7064370  
stefan.langhammer@medsektion-  
goetheanum.ch

Tradução de Bernardo Kaliks  
do original em alemão:  
Methodologische Aspekte des  
Studiums Anthroposophischer  
Medizin. Der Merkurstab. 2012;  
65(1):34-8.  
Publicado com autorização dos  
autores e da Revista Der Merkurstab.

**Palavras-chave:** Estudo complementar; pensar representativo; pensar contemplativo; quatro elementos; formação da planta; etérico.

**Key words:** Complementary studies; thinking in ideas; intuitive thinking; four elements; plant development; etheric.

### RESUMO

Partindo da exortação de Rudolf Steiner para um estudo complementar exotérico e esotérico, mostramos inicialmente as possibilidades e limitações do pensar representativo. Mostra-se como este pensar cria uma distância perante o que lhe é dado, faz do percebido um objeto e coloca as representações conseguidas dessa maneira numa relação exterior, racional. Em contrapartida, o fundamento de uma compreensão ampliada do mundo e do ser humano configura o desenvolvimento de um pensar contemplativo que consegue dissolver novamente as formas solidificadas da representação deixando a pessoa se integrar com a força espiritual formativa que é a base das formas, ou seja: a corrente etérica da vida. Isso pode ser treinado numa reconstrução interior da formação da planta. Nesse processo o caráter dos quatro elementos clássicos com vista à formação da planta nos remete a quatro diferentes níveis de conhecimento. O estudo complementar exotérico precisa do pensar contemplativo para atingir uma compreensão científico-espiritual do organismo humano. O estudo esotérico vai, além disso, para um aprofundamento meditativo do percebido no sentido dos quatro níveis de conhecimento mencionados para torná-los uma disposição na atuação prática do médico.

### ABSTRACT

*Starting with Rudolf Steiner's suggestion of complementary exoteric and esoteric studies, the potential and limitations of thinking in ideas are considered, showing how this thinking puts you at a distance to things that are given, makes perceptions objective and outwardly, rationally puts the ideas thus gained in contexts. The basis for a wider understanding of world and man, on the other hand, is to develop intuitive thinking, capable of dissolving firmly established ideas and allowing human beings to be at home in the spiritual powers of configuration, i. e., the stream of etheric life, that underlie the forms. We can practice this by inwardly following the development of plants. The character of the four classic elements here shows us four stages in the gaining of insight. Exoteric complementary study needs intuitive thinking to arrive at spiritual-scientific insight into the human organism. Esoteric study goes beyond this in seeking to deepen the insights gained meditatively in relation to those four stages so that it becomes the spirit in which medical action is taken.*

Apesar dos sucessivos progressos na pesquisa médica, mais e mais pessoas percebem que a pesquisa convencional é insuficiente para a compreensão de extensas áreas da vida humana e da natureza. Certamente que muitas funções do organismo humano podem ser manipuladas tanto cirurgicamente como por meio de medicamentos, e igualmente se pode interferir profundamente nos processos de vida para corrigir alterações de alguma sequência olhada como estatisticamente normal. Porém, não por isso se entendem os próprios processos de vida e a sua relação direta com a natureza interna do respectivo órgão. Por exemplo, que o órgão do coração capacita o ser humano para se colocar no mundo com pleno sentido em cada momento, percebendo animicamente, é algo que não se pode compreender só com sequências de funções físico-químicas.

Hoje estamos totalmente acostumados e treinados para apoiar o nosso pensar na nossa capacidade representativa e combinatória. Isso nos proporciona segurança e nos permite avaliar de uma maneira fundamentada e reprodutível no plano físico. Quando fazemos uma representação, afastamos de nós um conteúdo abarcado na consciência e o colocamos perante nós de tal maneira que o observamos como quem olha de fora e o colocamos em relação com outros elementos representáveis combinando isso de alguma maneira superficial. Este estilo característico do pensar é esperado hoje de qualquer pessoa, mas especialmente daqueles que estão ativos na área científica ou médica. As representações precisas e os firmes conceitos que se conseguem desta maneira são a expressão de um processo de conhecimento que chegou ao seu final. Eles estão como que cristalizados, tal como o próprio mundo físico e daí que servem apenas para a compreensão do mesmo.

Neste ponto, a nossa compreensão da natureza da vida, do que pode ser vivenciado, da natureza da mais pura interioridade chega ao seu limite. Essas naturezas são inatingíveis com o pensar analítico representativo. Esse limite pode particularmente ser vivido quando nós refletimos na experiência do nosso próprio eu. Na experiência de si próprio cada um de nós está completamente seguro de si. Mas qualquer tentativa de representar a experiência de si próprio deverá fracassar porque ela não se deixa representar como uma experiência imediata, quer dizer, não é possível colocá-la perante si próprio, como separada. Quando nós nos identificamos com os nossos sentimentos, ideias, desejos, lembranças etc., porque a consciência representativa comum não encontra nada reconhecível ao dirigir o olhar diretamente para o nosso interior, nós não nos experimentamos a nós próprios, mas apenas a forma anímica em que se expressa nosso eu.

Como podemos transformar o nosso pensar de tal maneira que ele se torne capaz de compreender a natureza interior dos processos de vida, a do crescimento, até a formação da estrutura dos órgãos vegetais ou animais e da organização humana individual? Estes só podem ser percebidos interiormente, não com os órgãos dos sentidos e são tão pouco representáveis como a experiência do próprio eu. Eles se encontram como num acontecer, como processos numa esfera anterior à da representação pronta, esfera que pode ser procurada de maneira puramente espiritual, olhando interiormente. Lá não existe nada que tenha chegado ao seu fim, nada representável, no máximo algo que constitui imagens em transformação para um pensar contemplativo. Aqui começam a observação e a pesquisa suprassensíveis.

## O ESTUDO COMPLEMENTAR

Em 1924 Rudolf Steiner sugeriu para médicos um estudo complementar em três passos. Com isso ele indicou um caminho sobre como elaborar um fundamento coerente com o espiritual tanto para o conhecimento como para a ação também em outras áreas da vida (desde os anos 1970 este foi, por exemplo, o fundamento para o ano de estudo científico no Goetheanum<sup>1</sup>). De acordo com isso, para os fundamentos da medicina antroposófica é necessário inicialmente um estudo acadêmico convencional da medicina. Com ele se conseguem uma compreensão dos procedimentos médicos convencionais e uma qualificação para “ser médico de uma maneira totalmente válida, de acordo com esses princípios”.<sup>2</sup>

Segundo Rudolf Steiner, a essa formação convencional deveria se seguir um estudo complementar em duas partes para se conseguir, através de “outros métodos” um “conhecimento ampliado do mundo e do ser humano” e que possa ser proveitoso para a atuação médica. Ele começa com uma *parte exotérica*: faz-se o exercício de se vincular com interesse, sem teorias pré-concebidas, a fenômenos e processos na natureza e no ser humano, percebê-los, reproduzir pensando as suas relações, e leva-los até uma vivência. A mesma atitude aberta é pretendida perante conceitos da ciência espiritual, de tal maneira que eles sejam compreensíveis e vivenciados no pensar. A experiência deles também acontece de início na representação. Uma reflexão sobre a própria relação tanto com as percepções sensoriais como também com os pensamentos puros da ciência espiritual, permite compreender gradualmente suas relações recíprocas específicas.

Na segunda parte, *esotérica*, da formação, tratar-se-á de olhar meditativamente para o percebido

desta maneira, sempre se movimentando em relações novas, e nessa participação vivenciando em imagens, de maneira que isso entre na própria atitude na vida. Com isso se conseguirá, entre outras coisas, gerar a capacidade de fazer com que as substâncias do mundo sensorial se tornem cada vez mais transparentes para o espiritual que age nelas. Tal atitude ajudará finalmente a se orientar na ação mais e mais segundo as próprias pessoas e os próprios seres com os quais se tem a ver e de acordo com as condições de vida em que se encontram.

Na continuação entraremos especialmente na parte exotérica do estudo complementar. Entraremos, mais exatamente, na ampliação progressiva e necessária da consciência, que é o primeiro que possibilita aquele “conhecimento ampliado do mundo e do ser humano” que mencionamos acima.

### A PARTE EXOTÉRICA DO ESTUDO COMPLEMENTAR: OBTER UMA COMPREENSÃO RELACIONADA AO ESPIRITUAL

A primeira parte do estudo complementar, a parte exotérica, serve para transcender a compreensão de seqüências de funções no físico, indicada inicialmente. Isso requer primeiro complementar o nosso pensar representativo-analítico através da formação de um pensar contemplativo abrangente e de totalidades. Para isso é necessária uma atenção especial para a nossa percepção dos fenômenos naturais.

Para esclarecer o que queremos, vamos partir de uma percepção como imediata manifestação, sem nenhum tipo de determinação, nem diferenciada por qualidades sensoriais ou pela determinação fora-dentro. Naturalmente é raro termos uma experiência assim, talvez ao acordar de manhã. Repentinamente percebemos algo totalmente indeterminado. Algo enigmático e inexpressável aparece perante a nossa consciência como uma espécie de imagem e que provoca em nós um movimento de procura. Esta imagem (com ‘imagem’ não opinamos aqui só uma impressão visual, mas uma impressão sensorial geral), de acordo com a sua natureza, é plana, não está delimitada espacialmente, nem como um objeto, porém nela pode ser procurado algo como um conteúdo espacial. Na medida em que reconhecemos o objeto, um armário ou uma árvore, por exemplo, nós entramos na imagem unitária, plana, e criamos, para a nossa percepção, o espaço. Assim surge, animicamente, uma distância com o percebido. Este mundo representável é o *mundo físico*. Ele se relaciona com a capacidade de reter algo na nossa consciência. Só na percepção do mundo representado fisicamente surge uma sepa-

ração clara entre dentro e fora: o que foi projetado fisicamente fora precisa como complemento de alguma relação que lhe dê sentido e que frequentemente agregamos inconscientemente já pelo modo de olhar, e só com isso criamos a realidade do físico-objeto para a nossa consciência.

A transição da aparição da imagem até o olhar do objeto pode ser ilustrada com um exemplo (Fig. 1). Como objeto este conhecido desenho pode ser olhado das maneiras mais diferentes e contraditórias. Se vejo aí um cubo com um canto para frente, essa representação me cobre a possibilidade de ‘ver’ simultaneamente um cubo com canto central para trás ou um ornamento simplesmente plano. Mas, a *visão* que vive em mim deste objeto abarca todas as possibilidades de representação. Porém ela própria não é representável. O que vive em nós próprios como contemplação do que nos é dado, não é algo fixo, determinado, não é uma imagem representativa determinada, mas é como a fonte para uma variedade (na verdade infinitamente muitas) de possíveis representações. Olhada desta maneira, a visão da coisa se aproxima de uma imaginação. Ela pode tornar consciente pelo menos inicialmente o caráter móvel e criador de relações do *mundo etérico*.

Estas observações nos mostram que toda percepção comum já contém algo que nós próprios projetamos nela, agimos configurando, inconscientemente, no puramente percebido. Aqui encontramos a fonte para numerosos equívocos, pois algo que é aparentemente igual para diferentes pessoas, não aparece como igual. Já conscientes deste fato, pode ser de grande interesse olhar como outra pessoa compreende um fato, ou como ela percebe outra pessoa. Aí, justamente, a própria perspectiva (limitada) se torna consciente para nós e a percepção do outro pode ser experimentada como um complemento útil.

Nesse movimento de tornar algo objeto de observação, junto com o distanciamento do observador do percebido e unido a isto, o mundo, por um

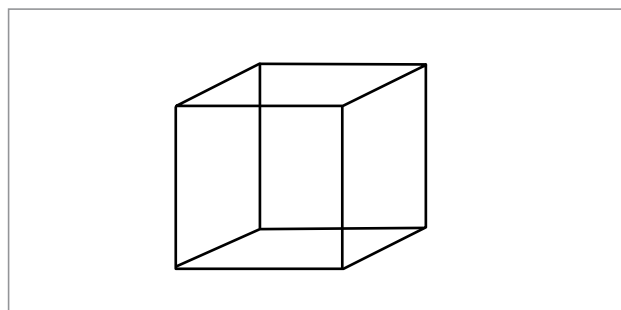


Figura 1. Cubo.

lado, adquire na representação um contorno conceitual. Por outro lado ele perde aí o caráter vivo, interrogante. Na forma pronta ele parece morrer e na representação se torna o ponto de partida para o conhecimento comum. Como posso desenvolver complementarmente um pensar contemplativo como condição dessa “compreensão ampliada do mundo e do homem”?

A ocupação com o mundo das plantas pode constituir aqui uma ajuda fenomenológica. Nós experimentamos as plantas como algo que está em permanente transformação. Nunca as temos perante nós na sua forma definitiva: ela mostra múltiplas facetas numa sucessão temporal. Na medida em que acompanhamos representativamente a transformação da forma e associamos entre si os diferentes estados dela que aparecem ante os nossos sentidos, nós praticamos aquilo que Goethe chamou uma “fantasia sensível exata”. Nós nos exercitamos para ter uma capacidade representativa móvel, tentamos como que liquidificá-la. Nós não compreenderíamos transformações sem a capacidade de dissolver internamente formas físicas, firmes, mas vivenciando aí o que passa através delas numa sequência de manifestações.

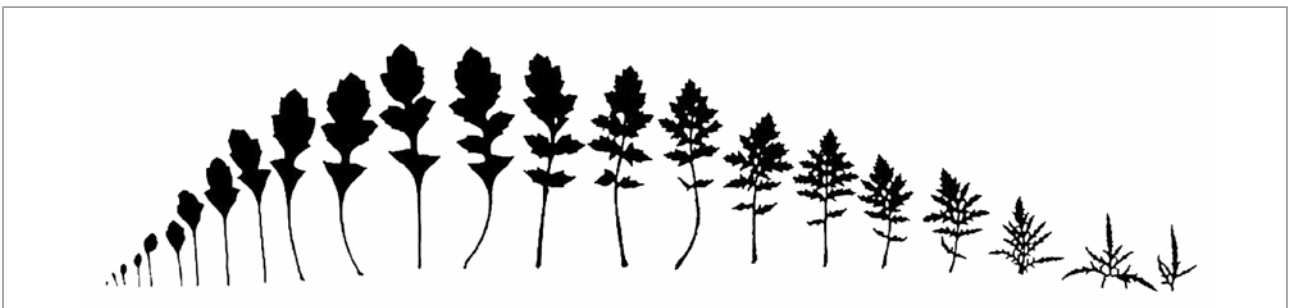
Acompanhemos neste sentido o desenvolvimento de uma planta desde o primeiro broto até a flor e o fruto. Inicialmente, desde o seu broto principal a planta projeta sucessivamente as suas folhas verdes, cada uma das quais se desenvolve até atingir uma forma determinada. Frequentemente elas são diferentes, mas também sempre semelhantes. O exemplo das sequências das folhas do broto principal de *Papaver rhoeas* (Fig. 2) permite facilmente diferenciar o visível físico do experimentado ativamente no interior.

Quando seguimos as formas respectivamente prontas, na percepção reverbera conjuntamente o elemento transicional entre as formas das folhas ao ponto que achamos estar olhando externamente para uma transformação. Mas a transformação não está contida na sequência percebida das formas. Uma separação

consciente do exterior e do interior me mostra o contraste: as formas estão dadas. Se chegamos a perceber como nós próprios realizamos a transformação e percebemos espiritualmente na própria atividade, no “estar presentes aí”, as formas exteriores desaparecem. Esta atividade interior nos leva à vivência das forças formativas espirituais que agem na planta. Desta maneira nós conseguimos um primeiro acesso cognitivo às forças formativas ou configurativas etérico-astrais.

O descrito vale para um primeiro nível de desenvolvimento de uma planta com flores, para a área verde das folhas, na qual, em princípio, o processo rítmico da formação folhar pode se repetir infinitamente. Essa é a expressão pura dos efeitos vitais etéricos que respiram na planta. Com exceção dos cotilédones, as folhas não só se tornam maiores no decorrer da sua sequência mas, inicialmente, tornam-se mais diferenciadas, e finalmente só ficam semelhantes (por exemplo, nas plantas tropicais que temos nos nossos quartos) quando não acontece um novo impulso configurativo. Um impulso assim se expressa enquanto as folhas continuam a se diferenciar, tornando-se então, geralmente, menores, até desaparecerem como folhas verdes. Assim se prenuncia a floração, antes que a flor apareça como algo novo.

Na sequência das folhas existem às vezes transições até a flor, por exemplo, na peônia e na rosa. Ocasionalmente aparecem malformações, para as quais já apontou Goethe a fim de indicar, fundamentado nelas, a relação interna entre as folhas verdes e os órgãos da flor. Mas o que surge agora com a flor, nova na sua composição geral com suas formas, cores e aroma, não é algo que possa ser entendido a partir dos vestígios de semelhanças das formas das folhas ou apenas a partir da substância viva. O que era sequencial é aqui transcendido para uma expressão atemporal que agora nos atinge animicamente. Enquanto a planta se diferencia nas mais diversas qualidades sensoriais, ela se organiza numa imagem atemporal que pode ser vivida animicamente com o caráter movimentado do



**Figura 2.** Sucessão das formas das folhas de *Papaver rhoeas*.

tipo. Na região da flor a planta realiza uma análise, uma diversificação do todo numa multiplicidade de qualidades (formas, cores, aromas etc.). A formação da planta configurada no espaço chega com isso a um fim. Suas qualidades, caracterizadas individualmente, podem ser abordadas como processos diferentes que atingiram o seu fim, mas nos quais ainda se adere a forma da sua origem a partir da totalidade.

Enquanto na esfera vegetativa, verde, da planta estávamos lidando com formas firmes e mudanças em forma fluida, a forma em que a floração aparece corresponde totalmente ao elemento do ar: para a percepção este recua como substância e se torna permeável para aquilo que chamamos atmosfera. Ele se torna como que transparente para o anímico-espiritual do ambiente, que toma forma na flor.

A formação do fruto e das sementes, que acontece na continuação, simplificando, é iniciada pela confluência e fusão de duas formações polares: daquilo que emerge do pólen, finamente estruturado e endurecido, e da estrutura plástica e receptiva para a formação da semente. Enquanto os órgãos orientados para fora, nos quais se manifesta a natureza interior da planta, se desprendem de sua vida, os novos órgãos que surgem (frutos e sementes) se tornam, como estruturas terrestres, os portadores de novas plantas. Acontece uma síntese espiritual 'para dentro' na medida em que se recupera a potência para crescer novamente a partir de um elemento substancial primordial. A semente perde imediatamente o seu referencial de ligação com a terra. Diferente do padrão de uma direção especificamente cósmico-espiritual para o crescimento, permanece aberta a maneira como isto se desenvolverá na nova planta em crescimento. O 'como' é determinado na nova germinação, desde o novo ambiente. Assim, a semente é o centro no qual o ser se torna ativo de um modo terrestre. Esta fase da formação da semente acontece especialmente sob a influência do elemento do calor.

Resumindo, pode-se dizer: na medida em que se reproduz na visão concreta de um tipo de planta o ciclo formativo descrito acima nas suas generalidades, articulado com as estações do ano e o ambiente espacial e atmosférico correspondente, se pratica uma capacidade de pensar processual, imaginativa. O pensar se torna móvel e cada vez mais capaz de visualizar. A atividade necessária da consciência é para nós, na época atual acostumados a lidar com representações fixas, em geral fatigante. Mas, é justamente este esforço fatigante o que prepara o chão da consciência para nos tornar receptivos à linguagem não verbal do modo de formação da planta. O ritmo do seu desenvolvimento, a expressão das formas

das folhas, o caráter das flores etc., nos pode tornar experimentável a estrutura das relações em que se encontra a respectiva planta com o seu ambiente de vida terrestre e cósmico. No entanto, para isso o nosso pensar tem que se tornar permeável, como que 'aeriforme', na participação do processo indicado. Então poderá se revelar nas imagens algo anímico-espiritual. Neste caminho se estabelece uma profunda confiança com o tipo de planta, o qual para nossos órgãos dos sentidos mostra apenas as 'pegadas', mas do qual nos aproximamos desta maneira. Esta aproximação ativa nos pode levar ao ser do tipo da planta quando o pensar móvel se entrega totalmente àquilo para o qual se tornou permeável. Esse é o gesto do calor no pensar, que leva ao encontro de uma essência e nos possibilita uma compreensão intuitiva do mais próprio dessa espécie de planta.

Então, devemos diferenciar as quatro etapas seguintes que qualitativamente correspondem ao que podemos vivenciar, de uma maneira nova, nos elementos clássicos: terra, água, ar e calor:

- Terra: tudo o que representamos fisicamente.
- Água: tudo o que nós, internamente ativos, experimentamos como transformação rítmica.
- Ar: tudo o que se nos revela quando o percebido com os órgãos dos sentidos se torna imagem e aí abre o caminho para a compreensão inspirativa de um elemento anímico-espiritual específico.
- Calor: tudo o que pode ser intuitivamente compreendido, de maneira imediata, como essência.

A familiarização com a natureza dos quatro elementos permite assim o acesso à forma de atuação do físico (terra), do etérico (água), do astral (ar) e do eu (calor). Esses são simultaneamente os planos nos quais a planta se coloca em relação com o seu ambiente espiritual e nos quais estão ativos e podem ser diferenciados os membros essenciais do organismo humano, corpo físico, corpo etérico, corpo astral e seu eu. Partindo da forma da sua aparição sensível, a planta pode se tornar gradualmente uma imagem viva para a compreensão de processos interiores da natureza humana.

## A PARTE ESOTÉRICA DO ESTUDO COMPLEMENTAR

Na segunda parte, esotérica, do estudo complementar da medicina, trata-se de se conectar com o que percebemos de tal forma que não sejam obtidos novos conhecimentos isolados, mas que o reconhecido possa se tornar prático. Com 'esotérico' Rudolf Steiner não quer dizer 'secreto', 'escondido', mas ele fala de um modo de olhar que tenta pensar o recebido

nas suas relações e movimentá-lo na alma vivenciando-o numa apercepção interior. Para isso, com base nos processos percebidos gradualmente na primeira parte, constroem-se imagens que através desta atividade se interiorizam mais e mais, compreendendo-as com maior profundidade. Esta formação de imagens exercitada repetidamente serve para vivenciar o compreendido através do pensar em relação ao que foi percebido cada vez e com isso experimentar e configurar a própria relação com isso, quer dizer, estampá-lo com *presença de espírito no próprio pulso anímico*.

Depende de se familiarizar também nas formas de atuação dos diversos membros essenciais, ou seja, nos seus níveis de realidade e permear as imagens com a visão pensante como se fossem estruturas matemáticas com as quais se pode lidar livremente (um fundamento apropriado é constituído pelos primeiros sete capítulos do livro de Ita Wegman e Rudolf Steiner<sup>2</sup>). Como vimos mais acima nas considerações sobre a formação das plantas, aqui nos elevamos de um representar comum para um representar imaginativo no qual as diferentes representações do percebido, ou seja, descrito, desaparecem. Com isso torna-se consciente uma linguagem anímica específica na qual a manifestação singular coincide totalmente com a *atmosfera da vivência*. Assim se torna possível vivenciar um sentido de contexto no qual os quadros imaginativos se convertem, tal como as letras de um texto escrito, em algo não essencial.

Apenas a identificação consciente com este sentido de contexto experimentado desta maneira possibilita um agir responsável, com presença de espírito, pois aí nos seguramos num contexto da totalidade dentro do qual se está ativo.

Os exercícios podem ser apoiados neste ir e vir entre um acontecer exterior e um interior, na concentração em mantras que podem ser visualizados, como, por exemplo, o 'Calendário da Alma' de Rudolf Steiner (1912/13). O processo é comparável a uma oração que é falada com um direcionamento plenamente consciente da vivência para os passos do pensar que se visualiza. Assim, o compreendido por este caminho na primeira parte constitui um fundamento seguro ao ser meditado cada vez de novo. Como conhecimento pronto, apenas representado, ele age como uma substância mal digerida e não deixa livre o vivenciado. Neste exercício meditativo o pensar próprio, gerado

sempre de novo, é impregnado de maneira cada vez mais viva pelo vivenciar nesse estar aí ativamente presente, sempre consciente. O pensar pode se transformar aí de tal maneira que ele decorre *nas* manifestações e processos, e não fica fora.<sup>3</sup> Ele se torna assim um pensar que pode ser visualizado internamente impregnado pelo vivenciar.

Um pensamento se torna cada vez mais esotérico quando ele é pensado desde a sua origem. Pelo caminho indicado o pensar pode ser acordado *nas* manifestações e transformado num órgão de percepção espiritual. Assim na própria biografia cresce uma atitude na qual a natureza começa a falar de um novo modo.

## LITERATURA RECOMENDADA

- Bockemühl J. Ein Leitfaden zur Heilpflanzenerkenntnis. Bd I-III. 1. Aufl. Dornach: Verlag am Goetheanum; 1996, 2000, 2003.
- Bockemühl J, Järvinen K. Auf den Spuren der biologisch-dynamischen Präparatpflanzen. 1. Aufl. Dornach: Verlag am Goetheanum; 2005.
- Bockemühl J (2008) Lebt die Welt in mir? Wahrnehmungs- und Besinnungsübungen zum Entwickeln von Verantwortungsfähigkeit im täglichen Leben. 1. Aufl. Dornach: Forschungsinstitut am Goetheanum und PETRARCA, Europäische Akademie für Landschaftkultur; 2010.
- Steiner R. Anthroposophischer Seelenkalender. In: Steiner R. Wahrspruchworte. GA 40. 8. überarb. Aufl. Dornach: Rudolf Steiner Verlag; 1998.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Steiner R. Meditative Betrachtungen und Anleitungen zur Vertiefung der Heilkunst. GA 316. 4. Vortrag vom 5.1.24, 5. Aufl. Dornach: Rudolf Steiner Verlag; 2008.\*
2. Steiner R, Wegman I. Grundlegendes für eine Erweiterung der Heilkunst. GA 27. Kap. I. 7. Aufl. Dornach: Rudolf Steiner Verlag; 1991.\*\*
3. Steiner R. Die Beantwortung von Welt- und Lebensfragen durch Anthroposophie. GA 108. Vortrag vom 18.2.09, Praktische Ausbildung des Denkens. 2. erweit. Aufl. Dornach: Rudolf Steiner Verlag; 1986.

\*Steiner R. Considerações meditativas. GA 316. Conferência de 05/01/1924. São Paulo: João de Barro; 2007.

\*\* Steiner R, Wegman I. Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar. GA 27. Cap. 1. 3ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2007.